

RELAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS ENTRE A GRAMÁTICA GERATIVA TRANSFORMACIONAL DE NOAM CHOMSKY E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

EPISTEMOLOGICAL RELATIONSHIP BETWEEN NOAM CHOMSKY'S TRANSFORMATIONAL GENERATIVE GRAMMAR AND KNOWLEDGE ORGANIZATION

Wilson Roberto Veronez Júnior

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag20a3>

Resumo: Noam Chomsky é considerado um dos maiores pensadores do século XX, sendo evidente a contribuição que ele trouxe à Linguagem. O artigo analisa um possível diálogo entre a Gramática Gerativa Transformacional, o gerativismo e o inatismo de Chomsky e a Organização do Conhecimento. Ao estabelecer relações epistemológicas e disciplinares com a Organização do Conhecimento, a Gramática Gerativa Transformacional ressalta o aspecto criativo de quem está construindo um determinado Sistema, que, por sua vez, requer a incorporação de linguagens documentárias, tesouros e ontologias, entre outros elementos, por exemplo. Na elaboração desses sistemas, além do conhecimento do contexto social ao qual o sujeito está inserido culturalmente, o idealizador deve ter conhecimento sólido sobre as principais relações existentes entre aquela comunidade e suas principais necessidades informacionais. Para análises futuras, esta investigação discutirá de forma aprofundada a relação da Gramática Gerativa Transformacional de Chomsky e a Organização do Conhecimento para a elaboração de linguagens documentárias.

Palavras-chave: Gramática Gerativa Transformacional; Interdisciplinaridade; Linguagem; Organização do Conhecimento.

Abstract: Noam Chomsky is considered one of the greatest thinkers of the 20th century, and his contribution to Language is evident. The article analyses a possible dialogue between Transformational Generative Grammar, Chomsky's generativism and innatism, and the Knowledge Organization. By establishing epistemological and disciplinary relations with Knowledge Organization, Transformational Generative Grammar highlights the creative aspect of those who are building a given System, which in turn requires the incorporation of documentary languages, thesauri and ontologies, among other elements, for example. When designing these systems, in addition to knowledge of the social context in which the subject is culturally inserted, the designer must have solid knowledge of the main relationships between that community and its main informational needs. For future analyses, this research will discuss in depth the relationship between Chomsky's Transformational Generative Grammar and Knowledge Organization for the development of documentary languages.

Keywords: Transformational Generative Grammar; Interdisciplinarity; Language; Knowledge Organization.

1. Introdução

Diante das inúmeras teorias da linguagem - estruturalismo, construtivismo, interacionismo, behaviorismo, inatismo, gerativismo, entre outras -, na década de 1950, podemos destacar as pesquisas do linguista, filósofo e cientista político estadunidense Noam Chomsky (1928-....), com os estudos inatistas/gerativistas, ou seja, para ele, a língua é um fenômeno que está presente no código genético humano e com o tempo ela se evidencia a partir de processos endógenos provocados pela criatividade do ser humano e sua interação com o meio social.

Sobre as contribuições do linguista estadunidense, Veloso (2015), acredita que na primeira metade do século XX, foi Chomsky que reconstruiu a linguística, assim como os renascentistas Nicolau Copérnico e Galileu Galilei nos ensinaram a observar o universo, do mesmo modo como Carl Gauss e alguns dos seus contemporâneos, pesquisadores e continuadores conseguiram, no apagar das luzes e ao longo do século XIX, uma reconceitualização da geometria de Euclides de Alexandria, da mesma maneira que Albert Einstein, no século XX, redimensionou toda física a partir dos estudos sobre a Teoria da relatividade.

Com relação a Organização do Conhecimento, segundo Esteban Navarro e García Marco (1995) e Hjørland (2003, 2008), podemos entendê-la como um campo científico interdisciplinar, dialógico e preocupado com os processos de organização, classificação e representação do conhecimento em unidades de informação, movimentos sociais, partidos políticos, entre outras instituições que produzem informações e documentos, podendo ser analisado de um ponto de vista teórico-epistemológico aos estudos linguísticos oriundos da Gramática Gerativa Transformacional.

O artigo tem por objetivo analisar um possível diálogo do ponto de vista teórico-epistemológico e interdisciplinar entre o gerativismo e o inatismo de Chomsky e a Organização do Conhecimento. Assim, questiona-se: qual o conceito de linguagem na perspectiva inatista e gerativista de Chomsky? Podemos considerar que há uma relação epistemológica e interdisciplinar entre a Organização do Conhecimento e a Gramática Gerativa Transformacional? É possível discutir a proposição e elaboração de Sistemas de Organização do Conhecimento a partir da Gramática Gerativa Transformacional?

Sobre os objetivos específicos, a intenção é desenvolver e elucidar os seguintes elementos: a) analisar a literatura acerca dos conceitos de Linguagem Chomskyana, Inatismo, Gerativismo, Organização do Conhecimento e Gramática Gerativa Transformacional; b) revisão de literatura sobre a linguagem na concepção inatista e gerativista; c) apresentar parâmetros teóricos para a melhoria dos Sistemas de Organização do Conhecimento a partir da gramática gerativa de matriz chomskyana.

No que diz respeito à possibilidade de discussão sobre a Organização do Conhecimento e os estudos linguísticos chomskyanos, é preciso recorrer a interdisciplinaridade, e que segundo Japiassu e Marcondes (1989:190), ela torna possível a complementaridade dos métodos, das ideias, dos fundamentos e dos fatos iniciais sobre os quais se fundam as diversas práticas científicas. Somado a isso, há uma sustentação de que no escopo da Ciência da Informação, domínios como Organização do Conhecimento e Linguística estão interconectados, em que nessa discussão, Saracevic (1995), entende que o campo está concentrado em quatro campos principais: Biblioteconomia, Ciência da Computação, Ciências Cognitivas e a Ciência da Comunicação. Dentre esses domínios, compreende-se que a discussão sobre a Linguística, Ciência da Informação e Organização do Conhecimento estão sedimentadas principalmente no contexto da Biblioteconomia e Ciências Cognitivas.

Sobre a metodologia adotada neste artigo, no que orienta Pando (2018:36), deve ser desenvolvida por meio de um cuidadoso emprego de métodos e técnicas, assim como outros procedimentos científicos, isto é, a escolha de trabalhos, bem como a preocupação com o levantamento bibliográfico de materiais fidedignos, com base em fontes bibliográficas confiáveis. Dessa maneira, a pesquisa é caracterizada como bibliográfica, na medida em que analisa, seleciona, organiza e coleta materiais relacionados à Organização do

Conhecimento, Gramática Gerativa Transformacional e Teoria Linguística de Noam Chomsky. Como resultado se espera colaborar para uma melhor compreensão das possibilidades que as teorias do linguista estadunidense podem contribuir a Organização do Conhecimento na sua vertente mais influenciável pela linguística num sentido amplo, e que essa relação dialógica e interdisciplinaridade possa contribuir no desenvolvimento de estudos mais profícuos e de Sistemas de Informação e de Organização do Conhecimento baseados na realidade social dos sujeitos informacionais.

A pesquisa possui caráter bibliográfico e qualitativo, os materiais foram localizados, recuperados e analisados em bases de dados, como a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapi), Scielo, Scopus e Web of Science, eventos científicos, como o Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), International Society for Knowledge Organization (ISKO), Seminário em Ciência da Informação (SECIN), Colóquio em Organização, Acesso, Apropriação da Informação e do Conhecimento (COAIC), os Encuentros Internacionales sobre Sistemas de Información y Documentación (IBERSID) e a Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (EDICIC), Dialnet, além de periódicos, revistas, manuais e dicionários especializados em Linguística, Linguagem, Gramática e Organização do Conhecimento.

No processo de recuperação dos materiais nas fontes de informação, optou-se pelos seguintes termos em português, inglês e espanhol, respectivamente: a) Epistemologia da Linguagem, Inatismo, Gerativismo, Linguagem Chomskyana, Gramática Gerativa e Gramática Gerativa Transformacional, Organização do Conhecimento; b) *Language Epistemology, Innatism, Generativism, Chomsky Language, Generative Grammar and Transformational Generative Grammar, Knowledge Organization*; c) *Epistemología del lenguaje, innatismo, generativismo, Lenguaje de Chomsky, gramática generativa, gramática generativa transformacional, Organización del Conocimiento*. Para a recuperação dos materiais teóricos, não foi delimitado nenhum período em específico.

A etapa de levantamento dos materiais foi realizada no período de fevereiro a abril de 2023, já a análise dos materiais e dos dados foi realizada nos meses de maio e junho, a escrita do artigo foi desenvolvida entre os meses de julho a outubro do corrente ano.

2. A Linguagem segundo Chomsky

Segundo Chomsky (1980), um dos motivos para estudar a linguagem, o mais imediato deles é a oportunidade instigante de ver a linguagem como um espelho do espírito, como diz a expressão clássica. Segundo o autor, a linguagem é, assim, um produto da inteligência humana, uma criação renovada em cada ser humano por meio de operações que ultrapassam o alcance da vontade ou da consciência.

Para Souza (2015), a linguagem chomskyana é entendida como um complexo de comunicação, onde ela gera línguas humanas/sociais que são naturais e socioculturais que produzem expressões, em que palavras compreendem textos e evoluem de maneira espontânea e criativa, a língua pode ser analisada do ponto de vista interno e externo. No primeiro caso, ela é individual, cognitiva, mental e psicológica, dado que esses aspectos são intrínsecos ao ser humano. Já no segundo, ela é um fenômeno sociocultural, uma vez que

compreende os sons, palavras, regras gramaticais, escrita, gerando comunicação e interação, perpassando pelos aspectos cognitivos e psicológicos do sujeito.

Deste modo, Chomsky (2006) aborda a linguagem como uma competência inata ao ser humano, como um componente genético radicado na mente/cérebro dos indivíduos, cuja investigação deve ser realizada no âmbito do naturalismo metodológico, com o modo de construção teórica e de utilização de procedimentos coerente com a lógica das ciências naturais. Chomsky (2006) defende que existe uma gramática própria na mente de cada indivíduo, que é colocada em uso e é capaz de produzir inúmeras sentenças em nível de desempenho, uma espécie de gatilho ou estalo mental e que se manifesta a partir da interação social com outros indivíduos e da relação com a natureza advinda de processos socioculturais.

Segundo Augusto (1995), a proposta de Chomsky é mentalista, no sentido em que o ser humano observa o conhecimento como uma sequência de representações e processos mentais, isto é, o sujeito não tem acesso direto ao universo. No entanto, esse acesso é mediado por operações mentais, assim, a linguagem não depende somente de ações externas da natureza ou da sociedade, lembrando que por fatores externos, ele entende que a linguagem se manifesta de maneira secundária. Assim, é possível estabelecer diálogos com outras teorias da aprendizagem e da aquisição da linguagem, como a sócio interacionista e construtivista.

Nessa continuidade, no debate com o filósofo e historiador da ciência francês Michel Foucault (1926-1984), em 1971, no Colégio Técnico de *Eindhoven*, Holanda, Chomsky ao ser questionado pelo mediador da discussão, filósofo holandês Fons Elders (1936-), apresenta o seguinte cenário:

um indivíduo que se interessa pela investigação da linguagem se confronta com um problema claramente definido. Porque há um organismo, um falante experiente, que de alguma maneira tem adquirido uma impressionante variedade de competências que concretamente permite dizer o que ele quer dizer, compreender o que as outras pessoas dizem, e fazer de uma forma que me parece adequadamente qualificada como incrivelmente criativa (CHOMSKY e FOUCAULT, 2006, não paginado).

Desse modo, Chomsky (2006) introduz o que ele defende por aspecto criativo da linguagem, sendo esse um elemento fundamental da natureza humana, melhor dizendo, a aquisição da linguagem se constitui de maneira criativa e se desenvolve de acordo com a interação do sujeito com outros indivíduos em um determinado contexto social.

Na subseção seguinte, serão apresentados aspectos fundamentais sobre a aquisição da linguagem por meio do inatismo, uma das teses mais defendidas pelos estudiosos da linguística chomskyana e que procura se ancorar na filosofia de Platão, Descartes e na linguística de Wilhelm von Humboldt, e que tem sido muitas vezes questionada pela comunidade científica, seja por interpretação equivocada, ou mesmo pela inconsistência de sua aplicação em determinado contexto social, histórico, cultural e científico.

2.1. A Aquisição da linguagem segundo o inatismo

Segundo Japiassu e Marcondes (1989), o inatismo é a visão segundo a qual determinadas ideias, princípios ou estruturas do pensamento são inatas em virtude de pertencerem à

natureza humana, isto é, à mente ou ao espírito, sendo, portanto, nesse sentido, universais. Encontramos nas teorias linguísticas de Chomsky uma concepção inatista, já que ele defende a ideia de que há uma estrutura linguística do pensamento universal e instintiva, que constituiria a competência do falante, tornando possível o aprendizado da língua por um indivíduo e que o seu desenvolvimento se manifesta de forma criativa.

No que afirma Sell (2002), o inatismo pode ser analisado a partir de pensadores como Platão, Plotino e Santo Agostinho, e que para eles têm como principal peculiaridade o argumento de que aquilo que é inato se trata do próprio conteúdo conhecido pelo ser humano. Na contemporaneidade, todavia, opera-se uma mudança substancial em relação a essa ideia, surgindo uma nova noção de inatismo a partir dos estudos dos linguistas gerativistas.

Chomsky, segundo Sell (2002:20), defende o inatismo, visto que para ele esse parece ser um ponto sobre o qual não há divergências. O que não significa ser um ponto desprovido de problema; longe disso. Justamente por ser um ponto que desperte polêmica, o inatismo chomskyano tem sido muitas vezes mal interpretado. O inatismo de Chomsky chega a ser muitas vezes confundido com concepções incrivelmente descaracterizadas que só existem na imaginação daqueles que não aceitam a possibilidade de algo que não derive da experiência. Assim, ao final desta declaração, fica evidente a crítica dos gerativistas acerca do empirismo.

A capacidade humana de falar e entender uma língua, isto é, no entendimento de Bezerra e Souza (2013), deve ser compreendida como o resultado de um dispositivo inato, de uma capacidade genética, e, logo, interna ao organismo humano. Este dispositivo linguístico é de domínio particular da espécie humana e torna o ser humano capaz de adquirir espontaneamente um sistema tão interessante e complexo como o é uma língua natural.

Para Sell (2002), Chomsky vai escolher como caminho privilegiado para examinar as capacidades cognitivas humanas, isto é, a investigação das modificações biológicas sofridas pelo indivíduo desde o seu nascimento. E para investigar a origem das capacidades cognitivas em sua universalidade, propõe que investiguemos uma delas em particular, a linguagem.

De acordo com Parot (1978), para Chomsky, as estruturas sociais, ideologias, manifestações culturais e a linguagem são como as estruturas de nossos espíritos, ou seja, consequentemente a teoria chomskyana pode explicar os fenômenos sociais em termos biológicos, ainda, ele declara que a hipótese inatista inclui igualmente os princípios sobre o lugar e o papel dos indivíduos na sociedade, na natureza e nas condições de trabalho.

Em consonância com Souza (2015), no momento que Chomsky diz que a linguagem surge naturalmente, também afirma que na língua há propriedades e estruturas características e próprias que já são conhecidas desde sempre pelas crianças ao se apropriar das primeiras falas num discurso oral.

Sobre essa discussão, para Lyons, Mota e Hegenberg (1973), os filósofos, educadores e psicólogos debatem, há décadas, a questão de saber se o pensamento, no sentido estrito da palavra, poderia ser concebido fora do contexto de fala ou da escrita. Podendo ou não, é óbvio que a linguagem é de importância vital em todos os aspectos da atividade humana, como é notório que, sem a linguagem, qualquer forma de comunicação, excluídas, talvez, algumas formas extremamente rudimentares, seria impossível.

No entendimento de Carneiro (2010), Chomsky postula que a faculdade da linguagem é particular de nossa espécie e está inscrita no próprio DNA humano. Compreendida como dotação biológica, a linguagem seria equiparada a outros aspectos relativos ao desenvolvimento da estrutura física do corpo; nascemos programados para falar, assim como para ter membros superiores e inferiores. A influência do meio ou da experiência seria secundária, nesse caso, face à programação prevista no mapa da evolução das espécies.

Na seção a seguir, discutem-se aspectos elementares acerca da Organização do Conhecimento, enquanto campo científico e no desenvolvimento de processos.

3. Aspectos conceituais sobre a Organização do Conhecimento

Enquanto campo científico, nas reflexões de Garcia Marco (1997) e Hjørland (2008), entre outros autores especialistas no tema, a Organização do Conhecimento estabelece diálogos com outras disciplinas – podemos citar Arquivologia, Biblioteconomia, Computação, Documentação, Filosofia, Matemática – assim como abordagens semióticas, abordagens ‘crítico-hermenêuticas’, abordagens analíticas do discurso e abordagens baseadas em gênero. Uma tendência importante também é a ênfase nas representações de documentos, tipologia e descrição de documentos, linguagens de marcação, arquiteturas de documentos, entre outras.

Segundo Hjørland (2008), a Organização do Conhecimento não é apenas algo que a profissão de arquivista, bibliotecário e cientista da informação possa fazer sem considerar a pesquisa em outros domínios, a título de exemplo, Ciência da Computação, Linguística e Processamento de Linguagem Natural, Teoria do Conhecimento, Teoria da Organização Social, etc. Em particular, uma compreensão da natureza do conhecimento, cognição, linguagem e organização social são decisivas para a compreensão de Organização do Conhecimento e, portanto, para a capacidade de projetar, avaliar e usar processos de organização do conhecimento e sistemas de organização do conhecimento. Muitos campos podem ter interesse nas questões definidoras da organização do conhecimento ou podem ser consideradas disciplinas relacionadas.

No sentido estrito do termo, como prática, a ideia de organização do conhecimento, segundo Hjørland (2008:86), trata-se de atividades como a descrição de documentos, indexação, classificação executadas em bibliotecas, bancos de dados bibliográficos, arquivos, bem como em outras ‘instituições de memória’ por bibliotecários, arquivistas, especialistas em informação, especialistas em assuntos, assim como por algoritmos de computador e aprendizes.

O ato de organizar envolve um conjunto de processos – análise, classificação e recuperação da informação e do conhecimento – sendo que o processo de organizar é um pouco diferente de representar, pois a representação está ligada com o objeto (LIMA e ALVARES, 2012:23). Ao resgatar a concepção de Dahlberg (1993) sobre a Organização do Conhecimento, Rodrigues (2015) argumenta que esta é uma ciência que organiza e estrutura sistematicamente as unidades de conhecimento, que por sua vez são entendidas como os conceitos e também os seus elementos de conhecimento, isto é, as características.

Segundo Hjørland (2003:87), a Organização do Conhecimento no contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação está relacionada a diversos fatores, dentre eles, podemos destacar a organização de dados em registros bibliográficos, e também a informação produzida em ambientes virtuais. Para Hjørland (2003), o conceito de Organização do Conhecimento está ligado ao aprimoramento dos procedimentos de classificação e indexação em bibliotecas, documentação e bases de dados eletrônicas.

Em relação ao campo de estudo, de acordo com Café e Medeiros (2011:25) a Organização do Conhecimento está fundamentada essencialmente em análises de cunho semântico. Dessa maneira, entende-se que a Organização do Conhecimento tem por finalidade analisar os significados dos dispositivos e das técnicas empregadas pelos arquivistas e bibliotecários no processo de organização e representação do conhecimento.

Para o entendimento da relação entre Linguística e Biblioteconomia e Ciência da Informação, para Hjørland (2008:99), é importante ressaltar que ambos os campos são influenciados pela mudança de visões epistemológicas e tendências interdisciplinares. Em especial, a epistemologia é simplesmente uma maneira mais profunda de entender os dois campos. Infelizmente, esta situação torna mais difícil para todas as partes, incluindo a organização do conhecimento.

Na próxima seção, discutem-se os principais aspectos sobre a Gramática Gerativa Transformacional na perspectiva dos estudos da linguagem de Noam Chomsky.

4. Gramática gerativa transformacional

A gramática gerativa, ou ainda, o gerativismo é uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, no final da década de 1950, a partir dos estudos dos linguistas estadunidenses Noam Chomsky e Zellig Harris, pesquisadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT). Considera-se o ano de 1957 a data do nascimento da linguística gerativa, ano em que Chomsky publicou seu primeiro livro, denominado *Estruturas Sintáticas*.

Segundo Foppa (2011), Chomsky elaborou, assim, quatro questões elementares que se tornaram o programa de investigação da GGT:

1. Qual é o conteúdo do sistema de conhecimento? O que está na mente/cérebro do falante de uma determinada língua (inglês, japonês, mandarim, francês, alemão, holandês, português, etc.)?
2. De que maneira esse sistema de conhecimento se manifesta na mente do falante?
3. Como esse conhecimento é empregado na fala ou na escrita?
4. Quais são os dispositivos físicos no cérebro do falante que servem de estrutura para o sistema de conhecimento linguístico e para seu uso?

No que expõe Kenedy (2008), após tais questionamentos, Chomsky elabora uma resenha crítica (CHOMSKY, 1959:26-58) da obra *Verbal Behavior* de Frederic Skinner (1957), onde o linguista chama a atenção para o fato de um indivíduo sempre agir criativamente no uso

da linguagem, isto é, a todo momento, os seres humanos estão construindo frases novas, ou seja, jamais ditas antes pelo próprio falante que as produziu ou por qualquer outro sujeito. A gramática de matriz chomskyana a todo momento procura ressaltar o aspecto criativo do ser humano, sendo assim, ele chegou a afirmar, inclusive, que a criatividade é o principal aspecto caracterizador do comportamento linguístico humano, aquilo que mais fundamentalmente distingue a linguagem humana dos sistemas de comunicação animal e da natureza.

Conforme explica Borges Neto (1991), Chomsky sempre foi crítico a todas as teorias empiristas e behavioristas, fossem elas teorias da aprendizagem, do funcionamento da mente humana ou da estrutura linguística. Para o linguista estadunidense, seria difícil compreender a aquisição da linguagem sem o processo endógeno, ou seja, sem a internalização da informação por parte do sujeito falante. Contudo, nos dias atuais, Chomsky não descarta de forma radical outras formas de aquisição da linguagem e da aprendizagem.

A Filosofia tinha descoberto a importância da linguagem há muito tempo, sendo que filósofos e lógicos já atentavam para as línguas naturais, ainda que para afirmar que elas não eram passíveis de receberem um tratamento formal. Estudiosos como Frege, Russell, Tarski haviam todos, em meados da década de 1940, refletido sobre as línguas naturais (OLIVEIRA, 2010).

Sell (2002), defende que a hipótese proposta por Chomsky é a de que o conjunto das capacidades cognitivas humanas possui uma estrutura fundamental determinada biologicamente. Tal possibilidade, apesar de seu valor especulativo, é irrefutável. Por outro lado, se o problema é apenas o escopo da suposição que se estende a domínios imprecisamente estabelecidos, tem-se como uma alternativa viável restringir tal objetivo a uma capacidade particular.

Apresentada uma breve introdução sobre a Gramática Gerativa Transformacional, a seguir, analisaremos as relações epistemológicas e interdisciplinares entre essa teoria da linguagem chomskyana e sua relação com a Organização do Conhecimento.

5. Gramática gerativa transformacional e Organização do Conhecimento: relações dialógicas e interdisciplinares

Dado que a aquisição da linguagem, na concepção de Chomsky (1959, 1968, 1980, 2006, 2017), é realizada por meio de por ações endógenas e que se manifesta a partir da criatividade do sujeito, discute-se que esse processo pode ser analisado no âmbito da Organização do Conhecimento, sobretudo quando se trata da representação do conhecimento por meio de ações cognitivas e seus desdobramentos para a elaboração de Sistemas de Informação e de Organização do Conhecimento, instrumentos imprescindíveis para a manifestação do pensamento e das ações dos sujeitos informacionais.

Nessa perspectiva teórica, especificamente quando se discute a criação de Sistemas de Organização do Conhecimento, não devemos levar em consideração apenas uma teoria da linguagem, mas um conjunto de teorias que dialogam com a Organização do Conhecimento e com outras matrizes linguísticas. A depender da finalidade e contexto, esses Sistemas

podem adotar parâmetros concernentes ao estruturalismo, construtivismo, semiótica, gerativismo, inatismo, entre outras abordagens epistemológicas.

Ao estabelecer relações epistemológicas e disciplinares com a Organização do Conhecimento, a Gramática Gerativa Transformacional, de abordagem chomskyana, ressalta o aspecto criativo de quem está construindo um determinado Sistema, que por sua vez requer a incorporação de linguagens documentárias, tesouros e ontologias, entre outros elementos, por exemplo. Na elaboração desses Sistemas, além do conhecimento do contexto social ao qual o sujeito informacional está inserido culturalmente, o idealizador deve ter conhecimento sólido sobre as principais relações existentes entre aquela comunidade e diagnosticar suas principais necessidades informacionais.

Nessa discussão, o simples fato de se elaborar um Sistema em uma perspectiva social, deve levar em consideração a análise de requisitos mínimos, como: se a comunidade está representada, se a comunidade tem acesso, se a comunidade possui condições básicas para a operacionalização de tesouros, ontologias, linguagens documentárias e Sistemas de Informação como um todo, entre outros fatores que contribuirão na elaboração de Sistemas mais justos, inclusivos e democráticos.

Apenas para exemplificar, em um determinado arquivo, biblioteca, centro de informação/documentação ou museu, alguns preceitos básicos já estão previamente estabelecidos, pois existem normas, manuais e diretrizes e que estão sedimentados em métodos tradicionais. Contudo, em comunidades denominadas de “marginalizadas” pelo poder público e pela própria sociedade, esses parâmetros não atendem a normalizações tradicionais, uma vez que os processos de produção, organização e representação de Sistemas são desenvolvidos e executados por meio de ações próprias, isto é, existe um saber local e um *modus operandi* de execução das práticas. Assim, a ideia de não seguir parâmetros tradicionais está presente nas práxis dessas comunidades.

Nessa reflexão, embora Chomsky (1980) apresente um contraponto às teorias sociointeracionistas/construtivistas, sobretudo de Jean Piaget e Lev Vygotsky, é possível estabelecer um ponto de consenso entre essas teorias, visto que elas não se estendem apenas a aquisição da linguagem e da aprendizagem, mas também ao processo de organização, representação, apropriação e mediação da informação e do conhecimento.

As contribuições iniciais da Gramática Gerativa Transformacional para a elaboração de Sistemas de Informação e de Organização do Conhecimento é uma prova de que a linguagem que opera os sistemas de informação e organização do conhecimento necessita de atualização constante para que possa operar de maneira eficiente, inclusiva e democrática a fim de estabelecer a comunicação entre o sujeito informacional e a máquina por meio de operações linguísticas, com base em códigos, esquemas, gráficos e a partir de operações mentais. Desse modo, a elaboração de Sistemas de Informação e de Organização do Conhecimento, deve partir do estabelecimento e do aprofundamento de estudos sobre a teoria chomskyana e o campo da Organização do Conhecimento.

Em síntese, compreende-se que a construção e a discussão acerca das relações dialógicas e interdisciplinares entre a Gramática Gerativa Transformacional e a Organização do Conhecimento não se limitam a este artigo inicial, pois alguns aspectos ainda precisam ser aprofundados, mas que até aqui se demonstrou que é possível estabelecer relações entre os

mais diversos domínios e na convergência das mais diversas teorias em benefício de elucidar um determinado fenômeno.

6. Considerações parciais

Antes de tudo, o intuito deste artigo não foi defender uma única via para a aquisição da linguagem, no caso, o inatismo/gerativismo. Sendo assim, é preciso ressaltar que a linguagem é um fenômeno a ser estudado com grande acuidade e disciplina, no sentido de que não existe um único campo científico que apresente uma solução para a elucidação de tal fenômeno, é preciso lidar com todos os pontos de vistas, teorias e matrizes epistemológicas, assim como se valendo da interdisciplinaridade entre os mais variados campos científicos e abordagens.

O artigo teve por objetivo estabelecer um possível diálogo teórico-epistemológico e interdisciplinar do ponto de vista da Organização do Conhecimento, tendo como ponto de intersecção a Gramática Gerativa Transformacional de cunho gerativo e inato, proposta por Noam Chomsky e Zellig Harris, bem como outros linguistas em meados da década de 1950.

Como pudemos observar, na literatura de Organização do Conhecimento/Ciência da Informação, a noção de Gramática Gerativa Transformacional ainda é muito incipiente, isto é, não há estudos preliminares, nem concretos, acerca de tal proposição de interdisciplinaridade teórica e epistemológica entre os referidos campos. Sendo assim, este estudo trata de um apontamento inicial; porém é preciso estabelecer mais diálogos e relações epistemológicas e interdisciplinares vinculados aos estudos oriundos da Linguística, neste caso, a gramática gerativa, gerativismo e o inatismo.

Para pesquisas e análises futuras, por meio de um ponto de vista teórico, será dada continuidade a esta investigação com o objetivo de discutir de forma aprofundada a relação da Gramática Gerativa Transformacional de Chomsky e a Organização do Conhecimento no sentido de elaboração de linguagens documentárias, em especial, os tesouros.

Referências bibliográficas

AUGUSTO, M. R. A.

1995 Teoria gerativa e aquisição da linguagem. *Sitientibus*. 13 (1995) 115-120.

BEZERRA, G. B.; SOUZA, L. B. de

2013 A Aquisição da linguagem por Chomsky e por Tomasello. *DLCV*. 10:1-2 (jan.-dez. 2013) 19-32.

BORGES NETO, J.

1991 *A Gramática Gerativa Transformacional: um ensaio de filosofia da linguística*. Campinas, 1991.

Tese de Doutorado em Linguística - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

CAFÉ, L. M. A.; MEDEIROS, M. B. B.

2011 Organização do Conhecimento: teorias semânticas como base para estudo e representação de conceitos. *Informação & informação*. 16 (2011) 25-51.

CARNEIRO, P. L.

2010 A Hipótese inatista de aquisição da linguagem em perspectiva: aspectos realçados e encobertos. *DLCV*. 7:1 (jan.-jun. 2010) 57-68.

CHOMSKY, N.

2017 *Quem manda no mundo?* Trad. Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2017.

CHOMSKY, N.

2006 *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

CHOMSKY, N.

2003 *11 de setembro*. Trad. Luiz Antonio Aguiar. 8 ed^a. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CHOMSKY, N.

1980 *Reflexões sobre a linguagem*. Trad. Carlos Vogt... *et al.* São Paulo: Cultrix, 1980.

CHOMSKY, N.

1968 *A Responsabilidade dos intelectuais*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1968.

CHOMSKY, N.

1959 A Review of BF Skinner's Verbal Behavior. *Language*. 35:1 (1959) 26-58.

CHOMSKY, N.; FOUCAULT, M.

2006 *La Naturaleza humana, justicia versus poder: un debate*. Buenos Aires: Editora Katz, 2006.

COLEPICOLO, E. [et al.]

2006 MeSH: de cabeçalho de assunto a tesouro. In CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA EM SAÚDE, 10^o, Florianópolis, 2006 - *Anais...* [Em linha]. Florianópolis: CBIS, 2006. [Consult. 18 jul. 2020]. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228885645_MeSH_de_cabecalho_de_assunto_a_tesouro.

ESTEBAN NAVARRO, M. A.; GARCÍA MARCO, F. J.

1995 Las Primeras jornadas sobre Organización del Conocimiento: organización del conocimiento e información científica. In *Scire: representación y organización del conocimiento*. 1995, p. 149-157.

FOPPA, C. T.

2011 Sobre a aquisição e o aspecto criativo da linguagem: as respostas de Noam Chomsky aos problemas de Platão e Descartes. *Letrônica*. 4:2 (2011) 94-103.

GARCIA MARCO, F. J.

1997 Avances en Organización del Conocimiento en España: los II encuentros sobre organización del conocimiento en los sistemas de información y documentación. In ENCUENTRO DE ISKO-ESPAÑA, 2^o, Getafe, 1995 - *Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación: actas...* Zaragoza: Universidad de Zaragoza, 1997, p. 7-12.

HJØRLAND, B.

2008 What is knowledge organization (KO)? *Knowledge Organization*. 35:2-3 (2008) 86-101.

HJØRLAND, B.

2003 Fundamentals of knowledge organization. *Knowledge Organization*. 30:2 (2003) 87-111.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D.

1989 *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

KENEDY, E.

2008 Gerativismo. In *Manual de lingüística*. Org. Mário Eduardo Toscano Martelotta. São Paulo: Contexto, 2008, vol. 1, p. 127-140.

LE COADIC, Y.-F.

1996 *A Ciência da Informação*. Trad. Maria Yêda F. S. Filgueiras Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos - Livros, 1996.

LIMA, J. L. O.; ALVARES, L.

2012 Organização e representação da informação e do conhecimento. In *Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações*. Org. L. Álvares. São Paulo: B4 Editores, 2012, cap. 1, p. 21-48.

LYONS, J.; MOTA, O. S. da; HEGENBERG, L.

1973 *As Idéias de Chomsky*. [S. l.]: Cultrix, 1973.

MOTTA, D. F.

1986 *Método relacional como nova abordagem para a construção de tesouros*. Rio de Janeiro, 1986.
Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação – IBICT / Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, R. P. de

2010 A Linguística sem Chomsky e o método negativo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. 8 (2010).

PANDO, D. A.

2018 Epistemologia da Organização da Informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro. 2018.
Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP).

PAROT, F.

1978 Algumas notas sobre as teorias da aquisição da linguagem: Piaget, Chomsky, Skinner. *Análise Psicológica*. 2 (1978) 115-124.

PINKER, S.

2002 *O Instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SANTOS, C. A. C. M.; MAZINI, E. S.

2011 Organização do conhecimento: das classificações e vocabulários controlados às taxonomias e ontologias na web. In *Tendências contemporâneas na gestão da informação*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2011, p. 125-142.

SARACEVIC, T.

1995 Interdisciplinary nature of information science. *Ciência da informação*. 24:1 (1995).

SELL, S.

2002 Chomsky e o inatismo cartesiano. *Working Papers em Linguística*. 6:1 (2002) 7-29.

SKINNER, B. F.

1957 *Verbal behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

SOUZA, L. V. A. de

2015 A Linguagem: teorias que explicam o seu uso e funcionamento. In *Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional*. Vol. 8, nº 1, 2015.

VELOSO, J.

2015 *Noam Chomsky, o homem e a obra: a propósito de um filme de Michel Gondry (2013) Is the man who is tall happy? : an animated conversation with Noam Chomsky*. [Em linha]. 2015. [Consult. 3 ago. 2023]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/84937/2/112408.pdf>.

Wilson Roberto Veronez Júnior | wilson.veronez@unesp.br

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil